

HENRIQUE SANTA ROSA

Belem e a sua topographia

Conferencia realizada, a 15 de junho de 1924,

NA

UNIVERSIDADE LIVRE DO PARA



1924

J. B. DOS SANTOS & Ca.
LIVRETIAS - EDITORIS

Livraria Classica, Livraria do Povo

Rua Dos. João Alfredo, 11

Rua 18 de Setembro, 119

PARA - BELEM

BELEM E A SUA TOPOGRAPHIA

O natal de 1615, que marcava o começo de uma nova era, a assignalar os fastos da conquista portugueza na colonização do Norte, fôra a data escolhida para que, do porto de S. Luiz, se fizesse de vista a esquadriha de Francisco do Roso Caldeira de Castello Branco, a quem se incumbira da final expedição.

Com o auxilio valioso da pericia de Antonio Vicente Cochado, piloto-mór, que se nomeára guia da jornada, industriando-se os commandantes com as informações de La Ravardière, fornecidas durante o periodo do armisticio que Alexandre de Moura entendera de romper, mais suave, porventura, se tornára a empreza itineraria, sendo sómente de tener o encalhe nos baixios até dez leguas ao mar, em virtude dos rapidos effeitos da maré, notadamente os macaréos, quando a lua em conjunção. (1)

Não teria de ser longa a travessia, segundo os roteiros conhecidos: da ponta do rio Maranhão, onde chega a serra Escalvada, até á ponta dos Baixos, ha-

(1) Gabriel Soares de Sousa — Roteiro do Brasil — (Cap. V—1587).

via, apenas, a percorrer dez leguas espanholas, em rumo de sueste-noroeste, conforme a costa; e desta ultima ao rio da Lama nove leguas, em altura de um grau e tres quartos. Alcançado o rio da Lama, era seguir direito, numa estensão de 35 leguas, até á ponta de lèste do rio das Amazonas, em latitude de um grau da banda do sul. (2)

Attingidas assim as aguas do Mar Doce, que os roteiros espanhóes indicavam com trinta e seis leguas de boca, entre a ponta de lèste e o cabo Corso, debaixo da linha equinocial, semeada de ilhas até doze leguas ao mar, em altura de um terço de grau, da banda do sul, (3) restava o embarço da escolha do local, que não seria o menos penoso, para garantir a estabilidade da fundação da colonia.

Vicente Cochado recebera o encargo de sondar a costa, levantar os roteiros, dar, enfim, notícia exacta da geographia da nova terra (4). Não seria, pois, sem motivo justificado que faria a armada penetrar pelo primeiro braço do rio que se offerecia na ponta de lèste, denominada Separará.

E é certo que, ao descrever, em Madrid, as observações da sua expedição, toda a sua preferencia vaç para o braço oriental do Amazonas, dizendo que — "bem que menor e mais cheio de ilhas, até proximo da embocadura, se junta quasi todo e sah largo e limpo, e é o que, communmente, se chama o Gran-Pará". (5)

(2) Ibidem.

(3) Ibidem.

(4) Arthur Vianna—Introd., 1.^o vol. dos Annaes da Bibliotheca, pag. 11.

(5) D. Leon Pinelo, cit. por D. Jimenez de la Espada apud Arthur Vianna—Introd. aos Annaes, 1.^o vol., pag. 12.

Foi por este braço estreito, que se abre na ponta Separará, que penetrou Castello Branco com a sua armada, depois de percorridas 150 leguas ao longo da costa: e, navegando por elle, entre ilhas, trinta leguas rio acima, "escolheu hum sitio, forte por natureza (onde edificou uma fortaleza), com enseada de fundo bastante para navios de grande porte, e o canal muito limpo, para poderem entrar e surgir debaixo da artilharia". (6)

O ponto de vista defensivo foi o predominante, nesse primeiro momento da fundação. Não foi, nem podia ser, entretanto, o unico a attender para a instalação do povoado, desde logo graduado com a classificação de "cidade de Nossa Senhora de Belém".

Outras circumstancias se impunham a favor da escolha. Ao longo da enseada, uma das margens formava-se de ilhas baixas, submergíveis, e, de mais, prejudicava-se pela propria situação — "à esquerda".

Conssagrives já notára que as cidades fluviais estão mais geralmente sobre a "margem direita" dos rios do que sobre a "esquerda". O pensamento supersticioso influa no animo dos fundadores das cidades, para afastá-las do lado esquerdo — "sinister" —, pela significação agoureira da palavra. A margem direita recommendar-se-ia por esse facto, principalmente porque só nella se encontravam extensões de ribanceiras, sobressaindo das adjacentes mallas alagadicas.

Era de ver, porém, que, interrompida esta margem direita, oriental da enseada, pelas embocadu-

(6) Carta do Arcebispo de Lisboa ao Governador do Brasil, em 4 de Setembro de 1616.

ras de diversos tributarios, ás vezes dilatadas em secundarias bacias (as do Sol e Santo António actuaes), em nenhuma dellas se observava a elevação da margem direita do tributario, coincidindo com identica margem do rio, circumstancia que, exclusivamente, se verifica no local escolhido, formando uma ponta saliente no fundo da enséada, desdobrada em curva, ainda elevada, no sentido da confluencia e margem direita do Guamá, este, por seu turno, á direita de outros tributarios que do lado do occidente se derramam no mesmo estuario.

Da primeira impressão do sitio, proeminente entre limites alagadiços, inferiram os fundadores que a ponta de terra, que lhes merecêra a preferéncia, constituia uma "ilha", contigua ao continente, e como tal a reputavam os indigenas, dando-lhe a especial denominação de—"Mairi" (7). Era uma disposição natural, que se offerecia, impedindo a surpresa das communições, e, portanto, mais um motivo a prevalecer em favor da installação.

Demais, pode-se dizer que a escolha precedera a chegada de Francisco Caldeira. Assim, durante a circulação no perneio das ilhas, fazendo pazes com os tupinambás e colhendo-lhes informações sobre a fertilidade da terra, entre elles encontrou Caldeira um hollandez, que tomou á sua companhia—"do qual soube como o deixára, havia dois annos, uma náu que ahí fóra, para effeito de aprender a língua"—(8), accrescentando que—"também esperava por hum irmão seu, para povosarem "naquella parte onde agora está nossa fortaleza", e donde havia

(7) Arthur Vinnaa—*Monographias paraenses*, pag. XII.

(8) Carta do Arcebispo de Lisboa, 1616.

posões dias se tinham ido tres embarcações de flamengos" — (9).

A fundação da cidade de Nossa Senhora de Belém, no local onde Castello Branco assentou os primeiros alicerces do forte Presepio, obedeceu, consequentemente, ás circumstancias mais determinantes no instante e que pareceram as mais propicias para o bom exito da expedição.

O que se intitidou cidade, nos primeiros tempos, não abrangia mais do que uma pequena área de terra firme, em eminencia sobre a margem do rio, tendo, pela parte do norte, um igarapé ou piri-sal, chamado da Juçara, que a isolava das terras interiores, enquanto, pelo lado do sul, outros desaguardouros demonstravam as condições paludosas do circuito da ilha.

Tudo favorecia a defeza do nucleo contra qualquer investida dos dissimulados indigenas.

I

Restringidas as construcções, no começo, ao recinto ligeiramente fortificado, e que F. Castello Branco denominara — "Presepio de Belém" —, não tardou em se expandir o povoamento, obrigando á abertura de caminhos que naturalmente se pautariam pelo paralellismo á margem do rio, com transversaes para a respectiva communicação. Os tres primeiros caminhos abertos, partindo todos elles da praça da fortaleza, que veio a ser a praça da Matriz, foram traçados no sentido norte-sul, formando as primeiras ruas — a do Norte, sobre a ribanceira

(9) Relação da que ha no grande rio do Amazonas — por André Pereira, 1616 — Annaes da Bibl., 1º vol., pag. 6.

marginal ao rio, terminando no sitio onde Bento Maciel Parente edificou casa de moradia em 1621, e as ruas Espirito Santo e dos Cavalheiros, paralellas, traçadas sobre a terra firme até ás proximidades das mattas alagadiças.

Menos extensa foi a quarta rua, aberta, simplesmente, para estabelecer a communicacão da praça com a primeira igreja de S. João, que Maciel Parente fez erigir, em 1622.

Quatro caminhos transversaes formavam, com essas ruas, os primeiros quarteirões da cidade: a travessa da Residencia (actual da Vigia); a rua da Atalaia (Demetrio Ribeiro); a rua d'Agua das Flores (travessa de Cintra) e a rua da Barroca (travessa de Camela).

Approximando a igreja de S. João da extrema meridional, abriram-se ainda, entre a rua da Atalaia e a da Barroca, as ruas do Aljube e de Alfama.

A fundação dos primeiros conventos na cidade deu ensejo á ampliacão dos arruamentos, em 1627. Aos frades carmelitas, cedêra Bento Maciel a sua moradia, para ali se installarem e construirem o convento e igreja do Carmo, na extremidade sul da rua do Norte. Os capuchos de Santo Antonio, deixando o hospicio, que haviam fundado na fóz do igarapé Una, escolheram sitio isolado, ao norte, onde edificaram o seu convento e igreja, com praça elevada sobre o rio, a qual recebeu o nome de "Largo de Santo Antonio".

Iniciava-se dêste modo a occupacão de um novo trecho littoraneo, separado do nucleo primitivo ou ilha primordial da sede da cidade, pelo igarapé ou pirisal que junto desta desembocava.

A communicacão de um ponto ao outro exigiu a transposiçãõ dêsse igarapé, verificando-se então

a possibilidade e conveniencia de augmentar a cidade, para a banda do norte, sobre a faixa de terra que acompanhava a margem do rio, e que seria um suburbio do primeiro povoamento. Principiaram a designá-lo por "Campina".

Ao tempo do padre Antonio Vieira, em 1653, segundo as descrições contemporaneas, — "repartia-se a cidade em dois bairros: — um, mais antigo, limitado pelas praças da Sé, do Carmo e de S. João, chamou-se a "cidade". O outro, habitado depois, quando a população crescente foi carecendo de maior espaço, acompanhava o curso do rio, tomando por nome — "a Campina" —. Na parte limitrophe de ambas as divisorias, achava-se o que os habitantes denominavam — "o Portão".

"Da vasta praça onde se via a fortaleza e tambem a matriz, a casa da Camara e a do Governador, partiam quatro vias no sentido longitudinal, em frente ao Collegio, estendendo-se até ás igrejas do Carmo e de S. João, e quatro outras vias transver-saes, que completavam esta parte, que fôra a primitiva cidade".

Do lado do norte, passando-se o Portão para a Campina, começava a povoação a dilatar-se pelo ar-babalde em duas compridas ruas. Ao cabo dellas, ficava o convento dos Capuchos e na primeira, encostado á praia, o dos Mercenarios. (10)

Manoel Barata, o minucioso historiador dos factos paraenses, relata o desenvolvimento da parte da campina com interessantes pormenores: — "Em communicação com o convento, estabeleceu-se então um caminho; partia este do alto da calçada do

(10) — Apud. J. Lucio de Azevedo — *Os Jesuitas do Gran-Pará* — page. 313.

Collegio, e, atravessando uma ponte de estiva, seguiu beirando o littoral, quasi em linha recta, até ao convento. Ahi findava a cidade pelo lado norte, e continuava a dominar, erecta, a floresta secular.

Esse caminho bipartiu-se, depois, em RUA DA CADEIA (do largo das Mercês para o Palácio) e RUA DE SANTO ANTONIO (do largo das Mercês para o convento).

A rua da Boa Vista, depois da Imperatriz e hoje 15 de Novembro, era praia, até ao anno de 1820, em que só tinha edificações ao lado oriental, e se chamava RUA DA PRAIA.

DO LARGO DAS MERCÊS para o norte, e parallela á rua de Santo Antonio, abriu-se a RUA DO AÇUCAR, (depois da Industria), cujas casas, do lado occidental, deilavam os fundos para a praia, que foi, depois, a rua de Belém e hoje Boulevard da Republica.

Parallelamente á rua da Cadeia, a RUA DA PAIXÃO, que terminava no LARGO DE SANTA LIZIA, depois Largo da Misericordia, que ainda hoje tem este ultimo nome, não obstante ter sido supprimido, por ter sido todo edificado, nas suas quatro faces.

Em 1676, tendo chegado 50 familias da ilha do Faial, compostas por 234 pessoas de ambos os sexos, abriu-se (22 de janeiro) a RUA DE SÃO VICENTE, em que foram localizadas aquellas familias.

Atravessando as referidas ruas, traçaram, do littoral para dentro, os caminhos que tiveram, depois, os nomes de—RUA DO PELOURINHO, RUA DE SÃO MATHEUS, RUA DO PASSINHO, RUA DAS MERCÊS, RUA DAS GAIVOTAS E RUA DOS MIRANDAS.

Por esta ultima, ia-se, através da malta, para



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



**Secretaria de
Estado de Cultura**



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**